



O 1º de Maio nom é um dia de festa, nom celebramos o assassinato de 8 companheiros anarquistas por lutar entre outras cousas pola jornada de 8 horas que agora temos, quando nom se duplicam as jornadas, e matará-nos o trabalho mas nom a luta polos nossos direitos. Por isso este 1º de Maio que a raiva e a carragem saiam à rua còvado a còvado coas precárias, nom para pedir esmola ao capital ou greve aos sindicatos, senhora, demonstrar a força que temos como classe!

Colhamos as rendas das nossas vidas, fartas de ser precárias, fartas de sindicatos em aliança coa patronal.

Companheiras que este 1º DE MAIO SEJA O PRIMEIRO PASSO PARA UMHA GREVE GERAL INDEFINIDA! Sobram-nos os motivos!

Abaixo o trabalho!!!

## A HISTÓRIA E A FARSA

Dilatada e cruenta é a história das luitas sociais, e nela cada continente, cada país, cada região do mundo tem as suas páginas nutridas cos seus próprios heróis e mártires, coa sua cota de sangue e bágoas. Mas há nessa história episódios que, pola sua significação, polos seus perfis exemplares, pola sua influência definitiva projetada cara ao futuro, transcendêrom todas as fronteiras geográficas e idiomáticas, convertendo-se em símbolo, em dinâmico e vital símbolo para os que figêrom da conquista da liberdade o norte da sua vida. O seu recorde os comove e os enaltece, tonificando magicamente as suas esperanças.

Durante muitas décadas o Primeiro de Maio teve essa virtude. O seu recorde paralisava as cidades e citava nas ruas a todos os trabalhadores, para render homenagem aos mártires de Chicago e reafirmar, sobre todo, a verdadeira significação do seu sacrifício e a intenção da sua dramática mensagem, pronunciado com vozes «mais poderosas que a morte». E em todas partes os sustentadores do regime capitalista, herdeiros desse histórico crime, castigárom cada ano com renovada repressom a altiva e respeitosa homenagem dos trabalhadores. Com

todo, cada ano, estes voltavam às ruas para reivindicar com mais dignidade, com mais respeito e coragem, os ideais que levaram à morte aos enforcados de Chicago.

Pero o que nom puido lograr nem a perseguição nem o terror policial, conseguiu-no umha habilidosa, paciente e bem montada máquina de domesticação política e falsificação da história, cujo bem-sucedido propósito foi o de desvirtuar a origem do Primeiro de Maio, diluir e converter em anódino palavreado melindroso o seu significado de orientador exemplo para os trabalhadores, entregando às novas gerações obreiras umha imagem grotesca da data, convertida em carnavalesca celebração na que exploradores e explorados confraternizam e brindando pola convivência pacífica através da conciliação de classes.

Neste plam estatal colaborárom magnificamente os sindicalistas burocráticos e neutros, os intelectuais aguados e «nom comprometidos» e essa espécie de artistas que oferecem o seu histrionismo tanto como para um varrido como para um esfregado.

É necessário que os moços de hoje conheçam a verdade sobre o Primeiro de Maio. A verdade sobre quem decidiu o crime e os inconfessáveis motivos do mesmo. A verdade sobre os homes que fôrom levados ao patíbulo e porque o fôrom. É necessário que os moços advirtam a mentira e compreendam que o Primeiro de Maio nom é umha simples data festiva no al-

manaque, nem muito menos um episódio que o tempo desvalorizou porque as causas que os provocárom perdessem vigência. A sua gravitação continua sendo invalorizável nesta batalha de séculos pola liberdade, a igualdade, a ajuda mútua, a solidariedade e desde a Comuna de Paris de 1871 em diante, a emancipação social dos trabalhadores.

**Ricardo Melha em *A tragédia dos mártires de Chicago*, 1889.**

**Aqui algumas das últimas palavras dos anarquistas assassinados em Chicago.**

**Michael Schwab**

Falarei pouco, e seguramente nom despegaria os beijos se o meu silêncio nom se puidesse interpretar como um covarde assentimento à comédia que se acaba de desenvolver. O que aqui se processou é a anarquia, e a anarquia é umha doutrina hostil oposta à força bruta, ao sistema de produção criminal e à distribuição injusta da riqueza. Os senhores e só os senhores som os agitadores e os conspiradores.

**Adolf Fischer**

Somente tenho que protestar contra a pena de morte que me imponhem porque nom cometim crime algum... pero se hei de ser enforcado por professar as minhas ideias anarquistas, polo meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, entom nom ten-

ho inconveniente. Digo-o bem alto: disponham da minha vida.

**Albert Parsons**

O princípio fundamental da anarquia é a abolição do salário e a substituição do atual sistema industrial e autoritário por um sistema de livre cooperação universal, o único que pode resolver o conflito que se prepara. A sociedade atual só vive por meio da repressom, e nós aconselhamos umha revolução social dos trabalhadores contra este sistema de força. Se vou ser enforcado pelas minhas ideias anarquistas, está bem: matem-me.

**Hessois Auguste Spies**

Honorável juiz, a minha defesa é a sua própria acusação, os meus pretendidos crimes som a sua história. [...] Pode sentenciar-me, pero polo menos que se saiba que no estado do Illinois oito homes fôrom sentenciados por nom perder a fé no último triunfo da liberdade e a justiça.

**Louis Lingg**

Nom, nom é por um crime polo que nos condenam à morte, é polo que aqui se dixo em todos os tons: condenam-nos à morte pola anarquia, e devido a que se nos condena polos nossos princípios, eu berro bem forte: som anarquista! Os desprezo, desprezo a sua ordem, as suas leis, a sua força, a sua autoridade. Enforcuem-me!



# CONTRA O PATRIARCADO, CONTRA O CAPITAL, A JUSTIÇA POLA MAO



A sentença contra a mal chamada Manada nom nos surpreende. Nunca acreditamos nesta justiça burguesa, classista e patriarcal. Nunca nos garantiu mais do que a miséria para as pobres e o resguardo dos interesses e ideologias dos poderosos.

Nem 9, nem 20 anos de cadeia vam mudar as ideias dum punhado de violadores. Reterá-os mais tempo afastados das ruas, mas a prisom nem reinsere nem melhora as pessoas. Por isso nom saímos à rua para pedir um endurecimento das condenas, se nom por solidariedade coa nossa companheira, quem nom foi somente violada, senom também questionada, humilhada e vexada por esta “justiça” podre contra a que nos manifestamos. Se queremos justiça, esta há passar polas nossas maos. Nom há ser desde os tribunais que nos digam o que é umha agressão ou umha violação. Som os nossos corpos, somos nós quem o sabemos. E estamos fartas. O que nos fica é a autoorganização e a autodefesa. Assim que machistas, tede cuidado. Feminismo ou barbárie! PS.: Juiz Ricardo González e os restantes 16 coleguitas do grupo de guasap da Manada, estades também na nossa lista.

## SABIAS QUE O PRIMEIRO DE MAIO TAMBÉM HÁ UMHA GREVE?

O distanciamento dos cárceres coas cidades e as zonas habitadas, os muros mentais, a falta de consciência, a crença de umha linha entre os bons e os maus, ... Nom sabemos quais som as razons, nem qual delas tem mais força para que chegue a este ponto, no que as pessoas que estão encerradas no Sistema Penitenciário importem tam pouco e gerem esta terrível falta de empatia fora.

Queremos sacar, por um instante, a voz destas pessoas que estão a lutar. Elas mesmas escreveram umha proposta de luta coletiva onde evidenciam a situação à que se vem sistematicamente submetidas, o abuso de poder, agressões, torturas físicas e psíquicas continuadas, e umhas condições de existência desumanas e degradantes em multidom de aspetos: abandono médico-sanitário, exploração laboral, indefensom jurídica, discriminação cultural, inexistente liberdade de expressom, etc

### EIS A PROPOSTA:

- O fim das torturas, agressões e tratos vexatórios, degradante e da impunidade dxs carcereirxs na sua prática em todas as prisons do estado espanhol.
- A erradicação dos FIES, abolição do chamado regime especial de castigo, e fechamento absoluto dos departamentos de isolamento.
- Fim da dispersom dxs presxs.
- Que os serviços médicos nom estejam adscritos a Instituições Penitenciárias, se nom que sejam independentes delas.
- A aplicação imediata dos artigos 104.4 e 196 RP a todos xs enfermxs crónicxs sem que exista requisito de que entrem em fase terminal.
- Em relação axs enfermxs mentais exigimos que sejam tratadx adequadamente em locais apropriados para isso e nom nos cárceres.
- Que os programas com metadona, tratamentos psiquiátricos, etc. vão acompanhados de grupos de apoio, terapeutas, etc. Independentes das Instituições Penitenciárias .
- Que tenha abertura de investigação, esclarecimento e delimitação de responsabilidades por xs companheirxs mortxs nos cárceres do estado espanhol.
- Que as estruturas carcerárias abram as suas sala de aulas, oficinas, academias, etc.
- Acessos formativos e culturais para xs presxs que tratam de irrecuperáveis
- Que os módulos de respeito não sejam utilizados como montras.
- Que se deixe de cachear integralmente às famílias e amizades visitantes.
- Exigimos aos tribunais, forças de segurança do estado e repressorxs várixs que nom criminalizem a solidariedade entre pessoas.
- Os meios de desinformação nom darão cobertura, também nom a queremos nem a precisamos. Ajudas-nos a que a sua voz ressoe fora?

«A nossa época  
nom necessita de  
consignas poéticas,  
senom executalas»

### INTERNACIONAL SITUACIONISTA

A 50 anos do Maio do 68 as ruas revoltam-se no território francês, ocupantes da ZAD resistem ao despejo das terras tomadas, estudantes organizam-se e tomam as ruas, trabalhadores ferroviários cumprem ja um mês de greve. No terceiro número de Ardora adicamos umha secção as loitas que venhem sucedendo nos últimos anos na França.

## Ardora

(s)edições anarquistas

Neste terceiro número falaremos entre outras cousas sobre as greves gerais na França, sobre o 8 de março, sobre o cinema de ficção anarquista durante a guerra civil, sobre Manoel Antonio, sobre os contratos laborais e engadiremos umha nova secção de banda desenhada.

Visita a nossa web: [ardoraeditora.info](http://ardoraeditora.info)

